



45 ANOS

Capa e Editoração:

Neusa Maria Soares de Menezes

Revisão:

Antônio “Nino” Barbin

Tema: “Cidadania: Ação e Solidariedade”

8º Concurso “Redação na Escola”

Projeto “Jovem Escritor”

Academia de Letras de São João da Boa Vista

2016

www.alsjbv.org.br

academiadeletras@alsjbv.com.br

APRESENTAÇÃO

“Cidadania: Ação e Solidariedade”

Efetivamente, ação e solidariedade pontuam os valores morais e éticos de uma pessoa, deixando-a em transparência com sua essência. Sabemos que, bem ou mal, praticamos cidadania em todos os momentos de nossas vidas, razão que nos levou a sugerir às escolas, através do 8º Concurso “Redação na Escola”, o tema supra citado.

Para sabermos dos alunos como lidam com este fenômeno natural ou estado de ato de bondade com o próximo ou com o próprio sentimento.

Será que conseguiremos saber de suas atitudes voltadas para o interesse social? Nas próximas páginas, os 48 melhores trabalhos selecionados – entre redações e desenhos – apresentarão as opiniões dos jovens cidadãos de São João da Boa Vista.

É importante ressaltar que a escolha do tema para 2016 deveu-se, em muito, à crise ética e moral nos governos; à banalização do mal nos dias atuais; a imprecisão do saber viver em comunidade; o descaso no cuidado com a casa, a rua e a cidade e se somos uma sociedade ambientalmente responsável. Por isso, introduzir noções de cidadania logo na infância, cuidar do presente para colher resultados positivos no futuro e assim contribuir, de alguma forma, para o convívio coletivo, evitando atitudes que contrariem a ordem social, pareceu-nos tema que valesse a pena ser abordado. Ainda que sejamos Instituição Cultural, a Academia de Letras se abraça ao tema, por estar cem por cento conectada com a pulsação da vida.

Deixo à Coordenadora Neusa Menezes a análise gráfica da participação das escolas neste ano e sigo agradecendo a lisura no encaminhamento dos trabalhos, pois trata-se de trabalho incansável de dedicação, que vai de fevereiro a outubro, quando se premia os ganhadores e se tem a oportunidade de agradecer também as escolas pelo envolvimento com o projeto. Deixo, ainda, para Neusa Menezes comentários sobre a Comissão Julgadora, nossos fiéis guardiões na condução do julgamento – em duas fases - em que compete a eles firmeza, sem deixar de lado a sensibilidade humana durante a defesa oral.

Nosso mais justo sentimento moral, de gratidão, à “Sequóia Loteamentos”, patrocinadora oficial deste Concurso. Sem o interesse de seus dirigentes, credibilidade e respeito a esta Instituição, nada aconteceria. Assim, como, somos gratos aos apoiadores: S.E.S. Sociedade Esportiva Sanjoanense, Sempre Vale Supermercados, E.E. Cel. Joaquim José e Faça Festa.

Enfim, a todos os envolvidos direta e indiretamente neste projeto, nossos sinceros agradecimentos.

Parabéns, alunos! E, até 2017!

Lucelena Maia
Presidente
Academia de Letras de São João da Boa Vista

PALAVRA DA COORDENAÇÃO

Chegamos à oitava edição do Concurso “Redação na Escola”. Neste ano de 2016, escolhemos como tema “Cidadania: Ação e Solidariedade”. É gratificante, como coordenadora, sentir o quanto este concurso foi aceito pelas escolas, públicas e particulares, pelos alunos e sociedade sanjoanense. Descobrimos, nesses anos, talentosos escritores.

O propósito do concurso, desde o início, era de maior penetração nas escolas sanjoanenses e ali descobrir os “diamantes” ainda não lapidados.

Sinto-me realizada com a comprovação de que este projeto, tornou-se realidade. Oito anos depois, reconhecemos alguns desses jovens escritores, premiados anualmente.

Agradeço o empenho dos professores e diretores das escolas participantes, assim como as famílias dos jovens escritores.

Neste ano tivemos a participação de 100% das escolas estaduais e particulares e 87% das escolas municipais. Apenas duas escolas municipais não participaram.

Um agradecimento especial à Comissão Julgadora, que sempre se faz presente nas manhãs de sábado, na fase realizada na Academia de Letras, quando é feita a leitura das redações já previamente classificadas pelas escolas e na escola Joaquim José, para o grande dia: a Defesa Oral.

Agradeço também o patrocinador Sequóia Loteamentos, que acreditou em nosso projeto educacional, tornando-se fiel à cada edição.

Também não posso esquecer-me dos apoiadores: a Sociedade Esportiva Sanjoanense, que nos cede o espaço para premiação, todos os anos, assim como a Escola EE. Joaquim José, cujo espaço é utilizado na fase de Defesa Oral das redações. A empresa Faça-Festa, que nos cede as mesas para julgamento e para a noite de premiação. Sempre se faz presente o Sempre Vale Supermercados, fornecendo refrigerantes e água para a festa de confraternização, quando o salão da SES, fica lotado com a presença, aproximadamente, de 500 pessoas. Comparecem os premiados, professores, diretores, familiares, amigos, julgadores e personalidades públicas sanjoanense, numa noite de gala e alegria!

Gratidão a todos!

Neusa Menezes
Coordenadora
Academia de Letras de São João da Boa Vista
Cadeira 30 – Patrono Euclides da Cunha

Dos Objetivos:

O Projeto tem como objetivo estimular a pesquisa histórica, cultural, científica e de valores, junto aos estudantes das escolas das redes pública e privada, de ensinos fundamental e médio, dando espaço às manifestações do saber, do pesquisar, do interessar-se.

Como resultado, valoriza o pleno exercício da cidadania, promove o debate em sala de aula e no âmbito familiar, incentivando o gosto pela redação.

Da Organização:

A Academia de Letras de São João da Boa Vista promove o Concurso “Redação na Escola” - 2016, “Cidadania - Ação e Solidariedade”, propondo os trabalhos em duas modalidades: desenho e redação, produzidos em sala de aula.

Do Apoio:

Este Concurso de Redação conta com o apoio da Escola Estadual Joaquim José, do Departamento de Educação da Prefeitura, da Diretoria de Ensino da Região de São João da Boa Vista SEE/SP, das Escolas Particulares, do Jornal Gazeta de São João, da TV União, da Sociedade Esportiva Sanjoanense - S.E.S e do Supermercado Sempre Vale.

Do Patrocinador:

O Concurso tem como patrocinador oficial, este ano, a empresa Sequóia Loteamentos.

COMISSAO JULGADORA:

ACADÊMICOS:

Antônio “Nino” Barbin

Antonio Carlos Rodrigues Lorette

Carmen Lia Batista Botelho Romano

Clineida Andrade Junqueira Jacomini

Donisete Tavares Moraes Oliveira

Gilberto Brandão Marcon

José Rosa Costa

Lauro Augusto Bittencourt Borges

Lucelena Maia

Luiz Fernando Dezena da Silva

Maria Cândida de Oliveira Costa

Maria Ignêz dos Santos D’Ávila Ribeiro

Maria José Moreira

Maria Célia de Campos Marcondes

Neusa Maria Soares de Menezes

Sérgio Ayrton Meirelles de Oliveira

Silvia Tereza Ferrante Marcos de Lima

Vânia Gonçalves Noronha

Vedionil do Império

Wilges Ariana Bruscatto

COLABORADORES:

Adriana Torati Magalhães

Andreza Aparecida Barbosa

Eduardo Soares Paes de Menezes

Fabiana Gimenes

Flávia (Fafá) Noronha

Gislene C. B. Betti

Heliane Alves Coelho

Lilian Rinaldi Ibanhez

Maria Cássia Soeiro Dias Caldas

Nívea Poli

Stéfany Costa

TEMAS E SUBTEMAS:

Tema: Cidadania: Ação e Solidariedade

Ensino fundamental

Ano	Subtema
1º	O lixo, a água e o mosquito
2º.	Cuidando da minha rua
3º.	Zelando pela minha cidade
4º.	Cidadania começa em casa
5º.	Cidadania na escola
6º.	Vivendo em comunidade
7º.	Brasil: eu, cidadão
8º.	Solidariedade: eu pratico?
9º	Cidadania na era das redes sociais

Ensino Médio

Ano	Subtema
1º.	A banalização do mal
2º	Somos uma sociedade ambientalmente responsável?
3º.	Crise ética e moral nos governos: podemos mudar isto?

Locais dos Julgamentos das Redações:

1ª Fase: Julgamento das redações pelas escolas

2ª Fase: Sede da Academia de Letras - 10/09/2016 - sábado - 9h

Defesa Oral: E.E. "Cel. Joaquim José" - 24/09/2016 - sábado - 9h

Agradecemos a colaboração de Grazielle Moreno, João Felipe Paes de Menezes Cavalcanti e Adriana Toratti, na organização de pais, professores e alunos, para melhor desenvolvimento dos trabalhos.

Local da Solenidade de Premiação:

Sede Social da Sociedade Esportiva Sanjoanense - S.E.S

Data: 26/10/2016 - quarta-feira - 20h

O Lixo, a Água e o Mosquito

1º ano do Ensino Fundamental



1º lugar
Augusto Pires Bassi



2º lugar
Lais Ossain Quiles



3º lugar
Fabrício de Jesus Linos



4º lugar
Ryan Gabriel Sacardo da Silva



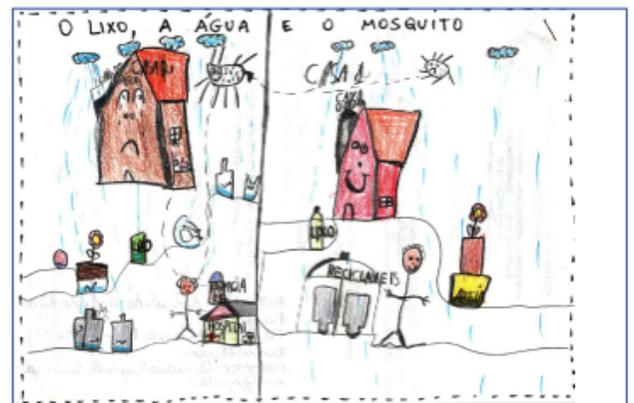
1º lugar
Augusto Pires Bensi
Professora: Marici Tischer Valim
Diretora – Ângela Maria Vitorino
Colégio Experimental Integrado



2º lugar
Laís Ossain Quiles
Professora: Fabrícia Costa
Diretora: Mara Lícia Vieira Leite Camargo Pires
Colégio Objetivo



3º lugar
Fabrício de Jesus Linos
Professora: Maria Aparecida Trentin
Diretora: Luciene Dominato Silva
EMEB "Nicola Dotta"



4º lugar
Ryan Gabriel Sacardo da Silva
Professora: Tânia Dominato Boaventura
Diretora: Cláudia Regina Andrade
Gianelli
EMEB "Profª Maria Leonor Alvarez e
Silva"

Cuidando da minha Rua

2º ano do Ensino Fundamental



1º lugar
Vitor Malachias de Oliveira



2º lugar
Gabriel Damasceno



3º lugar
Ana Clara Gonçalves de Pontes



4º lugar
Luisa Assis Cardoso



1º lugar
Vitor Malachias de Oliveira
Professora: Érika de Freitas Ferraz Pereira
Diretora: Leni Campos de Lima
Colégio Santo Expedito



2º lugar
Gabriel Damasceno
Professora: Mirian Massaro Damálio
Diretora: Rosane Cristina Ferraz Gonçalves
EMEB "Profº Eugênio Ciacco Neto



3º lugar
Ana Clara Gonçalves de Pontes
Professora: Fannya Furtado Passos
Diretora: Ana Laura Rodrigues
EMEB "José Peres Castelhana



4º lugar
Luisa Assis Cardoso
Professora: Marici Tischer Valim
Diretora - Ângela Maria Vitorino
Colégio Experimental Integrado

Zelando Pela Minha Cidade

3º ano do Ensino Fundamental



1º lugar
Lavínia Cordeiro Romano



2º lugar
Helena Gonçalves Basilli



3º lugar
Marcio Fernando de Abreu Filho



4º lugar
Isabella Barbosa Camelo

Zelando Pela Minha Cidade

Eu sou aluna do 3º ano, moro na cidade conhecida como Cidade dos Crepúsculos Maravilhosos.

Cuidar da nossa cidade é obrigação de todos, mas infelizmente nem todos pensam e não fazem isso, um exemplo é a fonte da Praça da Catedral que não é ligada sempre por conta das pessoas que estragam, não gosto disso. E procuro fazer a minha parte para deixar a cidade mais bonita.

Tento deixá-la sempre limpa, jogo lixo na lixeira. Quando vou passear em lugares públicos não quebro, não estrago, não arranco flores dos jardins... sempre deixo como está ou melhor.

Outro lugar que tenho orgulho de ir ao teatro e sei que lá não pode pôr os pés nas cadeiras e também não pode comer para conservar o lugar. Ele é bonito e muito frequentado.

Gosto muito de ir à feira para dar comidinha para os bichinhos (galinhas e coelhinhos), mas tem um problema: as pessoas jogam lixo no chão, fico triste.

Sei que não posso consertar todos os problemas. Só fazendo mágica. Como não sou mágica vou fazendo a minha parte porque amo minha cidade.



1º Lugar

Lavínia Cordeiro Romano

EMEB Adélia Jorge Adib Nagib

Professora: Márcia Regina Luccas Del Bel

Diretora: Roberta Apolinário da Silva Fonseca Modena

Zelando Pela Minha Cidade

Nasci no dia 26 de março de 2008. Meus pais sempre me ensinaram, desde pequena, que devemos cuidar do que é nosso também e respeitar os outros e ter cuidado dobrado pelas coisas alheias.

Aos poucos fui aprendendo que para ter um bom lugar para viver é preciso construir, preservar e zelar tudo que há de bom nesse lugar.

A cidade onde moro necessita da nossa ajuda, para ficar cada vez melhor, por isso temos que zelar por ela.

Começamos através dos pequenos gestos, como: economizar a água (tomando banho rápido, não lavar calçada e quintal com esguicho, fechar a torneira ao escovar os dentes etc.), e energia (apagar a luz sempre que sair do lugar, desligar o computador quando não estiver usando etc.).

Não gostamos da nossa casa limpa? Também temos que cuidar da nossa cidade, igual cuidamos da nossa casa! Não podemos jogar lixos nas ruas, precisamos plantar árvores, respeitar os parques públicos, áreas verdes, patrimônios históricos e principalmente os moradores.

Se todas as pessoas pensarem dessa maneira, mudar a cidade, que muda os estados, o nosso país e por fim mudar o mundo...

Eu estou fazendo a minha parte e você???

Helena Gonçalves Basilli

Colégio Experimental Integrado

Professora: Rita de Cássia Alvarez Almeida Silva

Diretora: Ângela Maria Vitorino



2º Lugar

Zelando Pela Minha Cidade

São João é uma cidade maravilhosa que tem bastante matas com árvores e um aroma gostoso de sentir, montanhas bem altas e serras que alcançam o céu. É a cidade dos crepúsculos maravilhosos, é chamada assim por ter uma bela vista do sol se pondo.

O nosso município tem um rio chamado Jaguari Mirim, que é a vida da cidade que rega as plantações, é a água que todos bebem. Ele nos dá uma boa vida, mas ele também precisa de vida boa...

Nós devemos cuidar do rio: não jogar lixo, preservar a natureza, não sujar as ruas, lembrar dos três “R” (reduzir, reciclar e reutilizar), diminuir o uso de veículos, usando bicicleta e ônibus, limpar o meio ambiente e ter cuidado especial com a cidade.

A nossa cidade dá o sustento para cada pessoa que vive aqui, ela é uma maravilha para todos nascerem, crescerem e viverem bem com qualidade de vida. O meio de retribuir o que ela nos oferece é ter atenção e dedicação com o lugar que nos acolheu, fazendo uma prática diária de atitudes que preservem, cuidem do ambiente zelando pela nossa cidade.

Se todos respeitarem o meio ambiente, ele também respeitará você dando vida para suas plantas, ar puro e saudável para todos.

Deus criou esta terra com carinho e amor e quero que continue assim, adorada e encantada, para todos terem orgulho de viver e morar aqui.



3º Lugar

Marcio Fernando de Abreu Filho

EMEB Nicola Dotta

Professora: Daniela Aparecida Nicolau Dotta e Dotta

Diretora: Luciene Dominato Silva

Zelando Pela Minha Cidade

Um dia eu sonhei... Se eu fosse prefeita faria várias melhorias na cidade, por exemplo: consertaria as ruas esburacadas e as calçadas quebradas para evitar acidentes com carros e pedestres. Além disso, cuidaria da natureza para a gente ganhar o ar limpo das árvores e preservar a beleza das flores que dão vida à cidade.

As crianças precisam estudar para terem um futuro melhor, assim, construiriam muitas escolas; como prefeita, também iria valorizar a saúde e não faltariam hospitais.

Há muitas pessoas malvadas no mundo, uma vez até colocaram fogo no terreno em frente à minha casa e a fumaça incomodou muito. Então, se eu fosse prefeita, ficaria muito zangada e multaria essas pessoas irresponsáveis.

Assim, iria priorizar a segurança, colocando câmeras em toda a cidade para filmar e prender os que agem errado perante a lei.

A cidade também teria um transporte melhor, principalmente para aquelas crianças e jovens que moram em fazendas, desse jeito chegariam à escola sem nenhum atraso.

Eu acho que seria uma ótima prefeita, pois zelaria com amor pela minha cidade, valorizando a educação e as bibliotecas, tão necessárias para o desenvolvimento de adultos e crianças.

Por fim, gosto muito de São João da Boa Vista, é a melhor cidade para viver e nunca mudaria de ideia quanto a isso.

Isabella Barbosa Camelo

EMEB Antonio dos Santos Cabral

Professora: Ana Célia Rodrigues do Amaral

Diretora: Onília da Penha Barreiro Stefani



4º Lugar

Cidadania Começa em Casa

4º ano do Ensino Fundamental



1º lugar
Ana Luiza Belchior Barbosa



2º lugar
Marina Eduarda Felisberto



3º lugar
Thais da Silva Sanches



4º lugar
Lorena Reis Vidal

Cidadania Começa em Casa

Quando nascemos um dever temos!

Para que as pessoas convivam bem é preciso que sigam regras, por isso que somos chamados de cidadãos.

Algumas regras aprendemos na escola, outras através das leis, e ainda aprendemos dentro de casa.

Existem regras básicas para que possamos ser cidadãos do bem. Em casa temos que organizar nossas coisas, ajudar nossos pais, respeitar os mais velhos valorizando suas experiências. Na escola devemos respeitar os colegas, professores e outros funcionários, não devemos jogar lixo no chão...

Todo cidadão tem o direito à vida, à saúde, à alimentação, à família e muito mais.

Ser cidadão não é só respeitar, é amar o próximo, independentemente de sexo, raça, religião e nacionalidade.

São valores que praticamos dentro de nossa casa, no momento em que aprendemos que cada pessoa de nossa família é única, quando valorizamos as pequenas coisas e aprendemos cuidar da natureza e do meio ambiente.

Nossa casa é nossa primeira escola para que possamos construir um mundo melhor.



1º Lugar

Ana Luiza Belchior Barbosa

Colégio Experimental Integrado

Professora: Débora de Almeida Dias Evangelista

Diretora: Ângela Maria Vitorino

Cidadania Começa em Casa

Atualmente, vejo muitas pessoas que nem parecem cidadãos e muito poucas que parecem. Hoje em dia, pais dão mais atenção para celulares do que para os filhos; importam-se só com os problemas da vida. As pessoas estão cada vez piores, vejo crianças livres, livres do pior jeito, sem saber se os pais gostam mesmo delas. Crianças que, quando vão à escola e a professora perguntar como está a família, elas ficam quietas e de cabeça abaixada.

Não podemos nos conformar com isso, há pais que deixam crianças sem orientação, sem atenção, sem amor. Adolescentes usando roupas curtas a ponto de as pessoas olharem e acharem que elas estão nuas.

Pais têm que passar mais tempo com os filhos, auxiliar nas tarefas escolares, orientar a não mexer com drogas, orientar na questão da sexualidade e não fazer tudo pelo filho, mas dar-lhe responsabilidades.

Agradeço a Deus pelos pais que tenho, e por poder levar todas as coisas que eles já me ensinaram (e vão me ensinar) para o resto da minha vida! Sei que serei uma boa cidadã porque meus pais sempre me deram bom exemplo.

Marina Eduarda Felisberto

EMEB José Peres Castelhana

Professora: Adriana Flora da Silva Souza

Diretora: Ana Laura Rodrigues



2º Lugar

Pelo Bem de Todos!

Logo ao nascer ganhei um nome, uma família e muitos presentes! E, sem perceber, ganhei também algo especial: saber o que é ser cidadão.

Ou seja, passei a fazer parte de um grupo de pessoas que têm direitos e deveres.

A cidadania é importante porque vivemos cercados de gente, nossos pais, familiares, amigos, vizinhos e professores.

Relacionamo-nos com outras pessoas todos os dias. Para termos uma boa convivência é preciso que todos sigam regras.

Muitas delas nós aprendemos em casa, algumas na escola e com os amigos.

Em casa:

- Organizar minhas coisas e ajudar meus pais;
- Respeitar as pessoas mais velhas e valorizar as experiências delas.

Na escola:

- Ajudar meus colegas, respeitá-los e lembrar que brincadeiras têm limites;
- Também respeitar os professores e os demais que trabalham na escola.

Um bom cidadão se preocupa com os seus deveres e o bem-estar dos outros e sabe que para ser respeitado é preciso respeitar o outro. Se cada um fizer a sua parte, garante o melhor para todos.



3º Lugar

Thais da Silva Sanches

EMEB Adélia Jorge Adib Nagib

Professora: Maria Juliana Zogbi Farias de Rosa

Diretora: Roberta Apolinário da Silva Fonseca Modena

Cidadania Começa em Casa

Logo que nascemos, nos tornamos cidadãos, pois ganhamos um nome, uma família e um lar. Com isso passamos a viver em comunidade, passamos a ter direitos e deveres.

Para conviver bem em comunidade é preciso que todos os cidadãos sigam regras. É no ambiente familiar que cada pessoa aprende e constrói sua própria identidade e personalidade.

Todo cidadão tem direito à vida, casa, comida, saúde e educação, sem esquecer de seus deveres e do bem estar do outro, respeitando o estar do outro, respeitando o próximo para ser respeitado.

É em casa que aprendemos os primeiros passos para sermos um bom cidadão, como por exemplo: organizar as coisas, ajudar os pais, não brigar com os irmãos, respeitar os mais velhos, fazer as tarefas da escola, separar o lixo, preservar a natureza.

Viver em cidadania nos torna pessoas mais amáveis e felizes.
Seja um bom cidadão!

Lorena Reis Vidal

EMEB Sarah Salomão

Professora: Rachel Eloy Nogueira

Diretora: Luciana Cristina Cavalari Martins



4º Lugar

Cidadania na Escola

5º ano do Ensino Fundamental



1º lugar
Giovanna Francisco Ansani



2º lugar
Maria Fernanda Toledo Macedo



3º lugar
Isabele Moreira Lise



4º lugar
Gabriela de Oliveira Silva

Cidadania se Aprende na Escola?

Participar, dar opiniões, compartilhar boas ideias e cumprir com seus direitos e deveres, tudo isso faz parte da cidadania. Esta palavra tão formal tem um significado bem simples, pois cidadania significa ser uma pessoa que respeita o local onde vive e, principalmente, o próximo.

E no dia-a-dia da escola, é possível perceber o princípio da cidadania quando as crianças dão suas opiniões sobre as leituras, desenhos e brincadeiras, aprendem a respeitar a fila, participam de projetos e são incentivadas a conviver com justiça... Isso aprendemos desde cedo na escola.

E, se levarmos para a vida adulta esses ensinamentos, seremos bons cidadãos, pois é na simplicidade das coisas que as crianças aprendem a conviver e a respeitar as diferenças dentro e fora da escola.

A cidadania é assim, como se fosse uma planta, temos que regar e cuidar para colher no tempo certo e assim adquirirmos bons resultados no futuro.



1º Lugar

Giovanna Francisco Ansani

EMEB Luiza de Lima Teixeira

Professora: Simony Batista Menezes Moraes

Diretora: Alessandra Daroz Martins

Cidadania na Escola, Preparando o Meu Futuro

Uma coisa que eu sei muito bem é que minha escola me prepara para uma vida na sociedade em comunidade.

Tudo o que aprendo na minha casa com a minha família, devo refletir na escola para, no futuro, ter uma vida boa e um emprego bem sucedido.

Todas as coisas que faço têm consequências, sejam boas ou ruins. Sendo assim, tem as regras na escola que reforçam o ensinamento de meus pais, influenciam meus atos e me preparam para exercer a cidadania, porque hoje estou em uma mini sociedade.

Ao agir com cidadania, tenho solidariedade para trilhar meu caminho para uma sociedade perfeita e ajudar a combater o racismo e o preconceito, apoiando o respeito e a tolerância.

Assim, ajudando e fazendo o bem posso contribuir para aqueles que fazem o mal melhorar.

É possível mudar o mundo com virtudes, como: amor, paz, paciência, solidariedade, etc.

Será que você já sabe onde elas vão refletir?

Sim, é na cidadania, seja ela na escola ou na sociedade.

Por isso, saber usar essas virtudes é estar preparado para a vida, pensando num mundo melhor.

Maria Fernanda Toledo Macedo

EMEB Prof^o Germano Cassiolato

Professora: Luciana Rodrigues Peixoto

Diretora: Josiana Dôgo de Souza Ciacco



2º Lugar

O Que Acontece na Escola

Um belo dia, uma garota chamada Catarina foi para a escola e lá escutou seu professor dizer que devemos exercer a cidadania e também sermos solidários, não só na escola, mas em todos os lugares, durante a nossa vida inteira e que não estamos na escola só para aprender o que está nos livros e fazer provas, mas principalmente para aprendermos a conviver com as pessoas e saber tratá-las bem. Isso a fez pensar muito e, no caminho para casa, foi tendo ideias e quando chegou, foi logo escrever sobre tudo que acontece na escola, e foi assim:

“Na escola temos deveres como: respeitar a todos, conservar o ambiente limpo e organizado, fazer lição de casa. E nossos direitos são: o intervalo, beber água, ir ao banheiro e, o mais importante, fazer perguntas para os professores, tirar nossas dúvidas, estudar bastante e, nos momentos certos, nos divertirmos muito. Devemos ser pessoas boas e gentis, com um bom coração e sempre ajudarmos as pessoas que estão ao nosso redor, devemos amar ao próximo e escolher o caminho do bem. A vida é como uma rede social em que várias pessoas compartilham atos do bem, curtem a gente, comentam coisas boas que fizemos, etc.

Existem vários tipos de aluno, cada um com seu jeito e sua personalidade: os mais divertidos, os mais estudiosos, os companheiros, mas devemos respeitar cada pessoa do jeitinho que ela é! O que seria dos professores sem os alunos? E o que seria dos alunos sem os professores? Ninguém poderia aprender e nem ensinar! A escola nos mostra que a cidadania é muito importante para que sejamos pessoas melhores e possamos sonhar muito alto; então nunca desista de seus sonhos! Ser criança é a melhor fase da nossa vida, pois é quando aprendemos a ser cidadãos.

No outro dia, ela levou seu texto e mostrou ao professor, depois leu para a escola inteira, assim pessoas que não sabiam sobre cidadania começaram a entender e a cumprir. Depois disso seu texto foi colocado nos corredores da escola e foi se espalhando para o mundo todo com uma “corrente de boas ações”.

Isabele Moreira Lise

Colégio Externato Fundamental I

Professora: Viviane de Souza Rocha

Diretora: Ana Aparecida Aguiar de Andrade



3º Lugar

Um Por Todos e Todos Por Um!

Cidadania é cada um fazer a sua parte para o bem de todos.

Na escola não pode ser diferente, pois temos direitos como também deveres.

Cada um deve fazer a sua parte cumprindo seus deveres e não esperar o outro fazer a sua parte.

Escola é lugar de encontrar amigos, se divertir e aprender para termos um futuro melhor. Não tem sentido riscar as carteiras e paredes, sujar o chão, ou quebrar as carteiras e paredes, a estragar as coisas que você e seus amigos vão usar o ano inteiro.

Por tudo que já aprendi, pude perceber a importância de um ajudar o outro com respeito e solidariedade. Com a colaboração de todos da comunidade escolar teremos uma convivência e uma escola prazerosa.

Como seria bom viver em uma escola, onde todos realizassem a sua função para o bem de todos, assim criaríamos um ambiente melhor para todos a nossa volta.

Cidadania na escola é sempre ajudar os colegas que têm dificuldades em matérias que você é fera, respeitar o colega que é diferente de você não importando sua religião, classe social ou sua cor e dessa forma não teríamos uma coisa tão horrível que é “bullying”.

Seja sempre “um por todos e todos por um!”.



4º Lugar

Gabriela de Oliveira Silva

EMEB José Peres Castelhana

Professora: Maria Cristina Gebara Rickheim

Diretora: Ana Laura Rodrigues

Vivendo em Comunidade

6º ano do Ensino Fundamental



1º lugar
Maria Clara Tischer Vallim Fernandes



2º lugar
Júlia Fernandes Gonçalves



3º lugar
Natália de Araújo Fabris Rodrigues



4º lugar
Lídia Matuoka Beserra da Silva

Somos Cidadãos?

Para você, o que é viver em comunidade?

Viver em comunidade é estar dentro de um grupo de pessoas que tem algo em comum como cultura ou hábitos.

Viver em comunidade é viver com pessoas que a influenciam ou que são influenciadas por você.

Para ter uma boa relação com a comunidade é preciso ser cidadão!

Ser cidadão não é só cumprir regras e fazer seus deveres. Ser cidadão é muito mais do que isso, é ser solidário. Por exemplo: eu sei os meus direitos e estou muito bem, porém eu vejo uma pessoa que não sabe e está sendo enganada. Como uma cidadã solidária, devo ir lá e explicar à pessoa seus direitos.

Ter empatia também é uma característica do cidadão solidário.

Um exemplo: eu tenho uma empregada, e pago a ela um salário mínimo, sabendo que ela tem quatro filhos para cuidar; viajo e faço compras exageradas e inúteis, sabendo que ela e seus filhos estão passando fome. Eu não faço nada a respeito. Afinal, estou dentro da lei. Muitas pessoas pensam assim, mas como você já deve saber esse não é o certo. O certo seria se as pessoas parassem de gastar dinheiro com coisas banais, e procurassem investir em coisas que colaborassem na melhoria de vida das pessoas que estão em situações mais difíceis.

E por último a honestidade, algo que está e sempre esteve em falta.

Como podemos ver, hoje na TV, internet, etc., há documentários ou “pegadinhas” que mostram o quanto existem pessoas

no mundo que não entregam o troco a mais, não devolvem objetos que sabem a quem pertencem.

Vale lembrar que essas situações mostram apenas uma pessoa sendo prejudicada por outra, mas a desonestidade pode prejudicar famílias, cidades, estados, países e, enfim, o mundo!

Maria Clara Tischer Vallim Fernandes

Colégio Experimental Integrado

Professora: Juliana Aparecida Evangelista da Silva

Diretora: Ângela Maria Vitorino



1º Lugar

Vivendo em Comunidade

Viver em comunidade é ser solidário com os outros, acabar com a fome e o frio de todos. Há muitas formas de fome e a ação da cidadania combate a todos!

Ser solidário é ajudar o próximo, como na catástrofe de Mariana em que a lama atingiu a cidade e todos se uniram para doar roupas, comidas e colchões.

Solidariedade é doar dinheiro para os moradores de rua, mesmo não sabendo o que eles irão fazer, ou talvez comprar um lanche para saciar sua fome.

Neste domingo vivenciei um ato de solidariedade. O meu pai estava em Poços de Caldas, e quando foi estacionar, um morador de rua estava ajudando os motoristas, meu pai perguntou: “Quanto eu te pago?” e ele respondeu, “O que Deus tocar no seu coração”. Com emoção, meu pai lhe deu o que podia...

Vamos pensar bem, todos temos algo para doar, pode ser até o coração! Vamos estender a mão e ajudar a quem precisa; se pensarmos com amor conseguiremos melhorar tudo à nossa volta. O amor em forma de ação gera solidariedade.

Pense com amor, pense com carinho, pense em ajudar o seu próximo, pois poderia ser você que estivesse necessitando. Com solidariedade mudaremos o Brasil!!!



2º Lugar

Júlia Fernandes Gonçalves

Centro Educacional SESI – 156

Professora: Marly T. Estevam de Camargo Fadiga

Diretora: Ana Paula Rivera Mazzi

Boas Relações Inspiram Outras

O dicionário diz que comunidade é um conjunto de pessoas que vivem numa mesma região, mas fazer parte de um conjunto é mais do que isso, vai desde ajudar um velhinho a atravessar a rua até exigir seus direitos às autoridades.

Desejar bom dia para os vizinhos é um bom começo para a ação na sociedade, por menor que pareça é algo que muda o dia de alguém.

Existe uma verdadeira árvore de possibilidades para assuntos de comunidade, tanto que desde bem pequenos aprendemos hábitos de convivência.

Um outro grande exemplo está no fato de ouvirmos o próximo dizer que, quando ainda na infância, brincava com os vizinhos e suas mães pediam emprestado açúcar ou farinha para terminar um bolo. Isso é difícil de ver hoje em dia, pois insistimos em dizer que não temos tempo, quando, na verdade, queremos dedicar nosso tempo livre às atividades menos cansativas porque estamos estressados com todos os problemas do dia-a-dia.

Ao ter uma boa relação com a comunidade, entendemos os problemas das pessoas e conseguimos ajudá-las e, assim, retribuímos também, tornando a vida mais fácil para exercermos nossos deveres e conquistarmos nossos direitos, ou seja, se formos proativos a sociedade será proativa conosco também.

Assim, concluímos que a boa relação com o grupo contribui na formação como pessoas, deixando a vida mais colorida.

Natália de Araújo Fabris Rodrigues

Anglo São João

Professora: Silvia Regina Martarello Braz

Diretor: Fernando Nagib



3º Lugar

Quebra-Cabeça

Em minha visão de criança, viver em comunidade é como montar um quebra-cabeça. É difícil, mas é emocionante, vemos peças encaixarem-se uma na outra, e perceber que nem tudo é perfeito, nem tudo encaixa-se e precisamos começar de novo.

Assim é o ser humano: cheio de regras, defeitos e deveres, mas nem sempre se encaixa no quebra-cabeça em uma comunidade, pois muitas dessas pessoas não estão nem aí, não pararam para pensar o que seriam delas mesmas, se teriam um vizinho para conversar, ou escola para estudar, um amigo para desabafar, um médico para cuidar dela, não, não teriam nada disso, apenas a solidão...

Então a pessoa deve perceber que sozinha, não se concretizam os seus sonhos e a esperança, por isso precisamos encaixar-nos em um grupo, em uma comunidade, para juntos realizarmos todos os anseios e construirmos o quebra-cabeça.

Todos acham que este mundo não pode melhorar e que as peças não podem encaixar-se uma na outra, pois o egoísmo, a solidão, o desrespeito, a desunião, o desamor, a falta de compaixão são as peças principais: ledo equívoco.

Se olharmos as pessoas, veremos que há gente boa entre nós, que ainda nos fazem pensar e querer mudar de atitudes, como minha mãe, avó, meus familiares, amigos, a escola que frequento, onde aprender e viver o respeito.

Às vezes, não respeitamos o próximo, pois ele sendo chato, falante, briguento, pratica o “bullying”, é uma pessoa igual a mim e a você. Por isso é necessário que pratiquemos o respeito, a tolerância, o amor e tentar compreender as causas de suas atitudes.

A união é uma das peças para nosso quebra-cabeça. Muitas vezes, temos que dar-nos as mãos, ajudar uns aos outros e sempre dar o ombro pro seu amigo chorar. Várias pessoas acham que

estar com uma pessoa conversando já está em união, mas não, a união é abraçar o diálogo com a comunidade, é poder confiar e interagir-se com ela.

A indiferença faz parte deste quebra-cabeça porque acontece no cotidiano de uma comunidade. Muitas vezes, vemos crianças e adolescentes abandonados, usando drogas, sem escolas, sem lar. Vagueiam pelas ruas escuras do desamor, desafeto e sem objetivo procurando uma luz no fim do túnel.

É preciso que a comunidade se envolva e tome decisões para melhorar a vida de seus cidadãos. Portanto devemos estender nossas mãos a projetos que valorizam a dignidade do ser humano: cursos, palestras, clínicas de tratamento a dependentes químicos porque esta é a função do quebra-cabeça: ter compaixão e praticá-la.

Assim, montamos o nosso quebra-cabeça e, ao virá-lo, vejo meu retrato, o seu retrato e o nosso retrato desenhado nele.

Lídia Matuoka Beserra da Silva

E. E. Profª Isaura Teixeira Vasconcellos

Professora: Isa Bernadete Gonçalves Valezi

Diretora: Fernanda Aguiar Cardozo



4º Lugar

Brasil: Eu, Cidadão

7º ano do Ensino Fundamental



1º lugar
Ana Julia Oliveira



2º lugar
Anna Beatriz Lucas da Silva



3º lugar
Pedro Henrique Stahl Pella



4º lugar
Thais Giovana da Silva

Brasil: Eu, Cidadão

Acordo todos os dias às 5h da manhã e essa é a primeira ação de minha rotina diária. Ao escovar os dentes, por alguns instantes, olho-me no espelho e permito-me refletir um pouco sobre o dia que mal começou e o que poderei fazer para que ele seja melhor do que ontem.

No ônibus, sempre lotado, a caminho do trabalho, vejo feições variadas: alegres, tristes, cansadas, esperançosas. Pessoas ao meu lado conversam sobre diferentes assuntos: política, saúde, educação, economia, religião, futebol... Há pessimistas e otimistas, intelectuais e de pouca escolaridade, negros e brancos, crianças, adultos e idosos. E, apesar de toda essa diversidade, encontro, em cada um deles, um pouco de mim.

No trânsito, vejo os que respeitam as leis e os que as descumprem, os que prestam socorros em acidentes e os que não se importam, os pacientes, os estressados, os apressados.

No trabalho, por mais cansativo que seja, busco não apenas cumprir as horas, mas fazer o meu melhor, embora saiba que nem todos pensem dessa forma.

Sei que o povo anda descontente e que há uma insatisfação geral devido à crise, às fatalidades políticas e notícias ruins. Ainda assim, insisto em continuar de pé e dar a minha contribuição. Preservo a natureza, participo da coleta seletiva, trabalho com responsabilidade. Respeito o próximo, as diferenças, as vagas especiais, a minha vez nas filas. Não jogo lixo nas ruas e procuro sempre estar informada sobre as notícias, buscando tornar-me agente transformadora da sociedade em que vivemos.

Muitas pessoas, além de mim, também fazem o que podem, mas há as que preferem desistir. Eu, não. Em vez disso, opto por acreditar e colocar um sorriso nos rostos tristes, tecer um

fio de esperança aos desanimados, pois sei que juntos somos mais fortes. Façamos, pois, a nossa parte, porque é o conjunto de nossas ações que passará a limpo a história desta nação. É pensando no coletivo que agimos no individual.

E assim, o meu dia acaba, mas logo recomeça o outro – um amanhã “novinho em folha” que me dá a chance de repaginar minhas ações para construir um Brasil cada vez melhor, do qual sei que sou uma importante parte: o cidadão!

Ana Julia Oliveira

Anglo São João Fundamental

Professora: Lucinda de Almeida Noronha

Diretor: Fernando Nagib



1º Lugar

Brasil: Eu, Cidadão

Para ser um cidadão, primeiramente temos que amar onde vivemos, como se fosse uma parte de nós, ter um sentimento de amor e respeito ao país.

Embora eu seja ainda uma adolescente, me considero uma cidadã exemplar, porque procuro ter atitudes corretas diante tantas coisas erradas que presencio.

Ainda não posso cumprir certos deveres, como votar, mas posso e devo exercer minha cidadania, cumprindo leis, seja no meu município como também na escola, respeitando as pessoas de classes sociais diferentes, não destruindo o meio ambiente, educando e protegendo nossos semelhantes.

Mas também, tenho consciência que tenho direitos como a liberdade de me expressar, saúde, uma educação de boa qualidade, moradia, entre outros.

Meu dever como cidadã não é criticar o meu país, mas sim fazer o máximo para tentar melhorá-lo. Hoje faço pouco, sei que não é o suficiente para que tenha grandes mudanças, mas é o começo para que melhore.

Quando for adulta espero fazer bem mais. Agradeço meu direito à vida, e por ter a oportunidade de iniciar minha cidadania.

Com certeza, quero fazer a diferença, afinal, somos e fazemos parte de uma sociedade.



2º Lugar

Anna Beatriz Lucas da Silva

Colégio Santo Expedito

Professora: Roberta Aparecida Silveira Vailate

Diretora: Leni Campos de Lima

Brasil, acredito em você!

Sendo cidadão de uma grande nação como o Brasil, tenho o dever de estar estudando sempre, colocando em prática tudo o que estou aprendendo, compartilhando os meus conhecimentos que hoje ainda são poucos, porém um dia quero ter a certeza, e sentir que colaborei para transformá-la.

Sinto-me na responsabilidade de alertar, pelo menos as pessoas que convivem mais próximas de mim, sobre a importância de convivermos em um país onde podemos combater a violência, a droga, a discriminação, o racismo, a poluição, e tantas outras situações que com vontade e união poderemos superá-las.

Hoje, sou um adolescente, mas amanhã serei um cidadão, com compromissos e deveres.

Tenho que ser competente, junto com milhões de brasileiros, lutando para um futuro melhor.

Espero um dia ser um protagonista na história do meu país, vivendo em uma nação de prosperidade, respeito e paz, cumprindo meu verdadeiro papel de cidadão, exigindo meus direitos, porém, cumprindo meus deveres.

Pedro Henrique Stahl Pella

E. E. Cel. Cristiano Osório de Oliveira

Professora: Sueli Lo Duca

Diretora: Célia Aparecida Giacomini Ferrari



3º Lugar

Brasil: Eu, Cidadão

Direito a proteção, crescimento, ser reconhecido e tratado com dignidade, sem preconceito de cor ou raça, direitos políticos e civis, direito a justiça e a oportunidades iguais.

A todos esses direitos que devem ser exercidos pelo homem, chamamos de cidadania.

Ser um cidadão é ajudar ao próximo e ao meio em que vive, para que se tenha uma qualidade de vida melhor, como exemplo, o simples fato de você jogar no lixo uma latinha de refrigerante e não no chão. Por isso, temos que dar importância e valorização a tudo o que nos cerca, como o próprio solo, que dele tiramos tudo aquilo que precisamos para viver.

É nosso papel como cidadão, avaliar a quantidade de recursos naturais consumidos em cada bem utilizado. Economizá-lo é uma medida ao alcance de todos nós.

Através da conscientização, da contribuição que cada um de nós pode dar, ajudaremos a controlar a poluição do ar, podendo, assim, imaginar e utilizar novos recursos.

Acho que não só sermos solidários com o meio ambiente, é como se fosse nossa obrigação sermos com as pessoas também.

Como por exemplo, devemos ajudar um idoso (a), ou qualquer pessoa que tenha dificuldades para atravessar a rua. E também se tivermos algum alimento a mais, darmos para ajudar o próximo que está precisando.

Devemos fazer o bem o máximo possível para quem precisa, talvez, no futuro também vamos receber o bem dessa pessoa ou de outras.

Eu cidadã brasileira, como todo cidadão, gosto de respeitar e ser respeitada, sendo sempre solidária ao próximo fazendo bem, sem ver a quem, e assim contribuindo para um mundo muito melhor e mais justo, para todos que habitam nosso querido planeta Terra!

Thais Giovana da Silva

E. E. Profº José Nogueira de Barros

Professora: Fabiana Modena Luz Moreira

Diretor: Roberto A. Assalin



4º Lugar

Solidariedade: Eu Pratico?

8º ano do Ensino Fundamental



1º lugar
Lívia Brockelmann Montenegro



2º lugar
João Pedro Ferrari



3º lugar
Quézia Maiara Almeida Cipriano Mendonça



4º lugar
Ana Alice Ferreira Lima

Solidariedade Para Um Mundo Melhor

Embora a palavra solidariedade esteja por toda parte em nosso cotidiano, divulgada na mídia, principalmente nas situações de comoção social e geralmente ligada a situações de ajuda material entre as pessoas e povos, confesso que, para responder a pergunta “Solidariedade: eu pratico?”, recorri ao dicionário, procurando sua real definição: “Solidariedade”: 1. Laço ou vínculo recíproco de pessoas ou coisas independentes; 2. Apoio à causa, princípio, etc, de outrem; 3. Sentido moral que vincula o indivíduo à vida, aos interesses de um grupo social, de uma nação, ou da humanidade”...

Então, entendi que a “solidariedade”, como nós geralmente a conhecemos, que aparece em situações que mobilizam muitas pessoas em grandes atos, como as guerras civis, acidentes de grande proporção, desastres ambientais, é apenas uma das definições dessa palavra tão intensa. Será, então, que a pratico?

Ser solidário é ter empatia, é conseguir colocar-se no lugar do outro, independente de quem ele seja. E não ver diferença entre si e aquele que passa por uma situação difícil. Não enxergar a cor, a raça, o sexo, a origem, a condição social, a situação financeira... “É fazer o bem sem olhar a quem”. É ter consciência da responsabilidade que se tem de transformar, positivamente, o mundo em que se vive.

Para mim, particularmente, embora acredite que a solidariedade seja uma qualidade natural do ser humano, nem sempre ela é fácil de ser exercida. Muitas vezes, num primeiro impulso, deixamos nosso egoísmo, nossos julgamentos, nossos preconceitos falarem mais alto. “Será que devo dar dinheiro àquele pedinte?”. “Ele vai comprar drogas ou bebidas alcoólicas mesmo...”. “Por

que eu tenho que mandar alimentos e água para desabrigados, se isso é obrigação do governo?”. E, aí, perde-se uma oportunidade de fazer a diferença na vida de alguém.

Então, se vejo uma situação que me incomoda, costumo tentar não julgar as pessoas. Procuo enxergar, naquele desconhecido, um semelhante, a quem devo respeito como pessoa e por quem faria tudo que estivesse a meu alcance, ainda que esse alcance seja apenas uma oração. E se fosse eu? Eu gostaria de ser ajudada ou julgada, acolhida ou ignorada?

Dentro das limitações que possuo em razão da minha pouca idade e da falta de independência para realização de algumas ações, sempre procuro ajudar de alguma forma, seja ensinando um colega de escola com dificuldades em alguma matéria que domino, seja usando meu tempo para escutar o porteiro idoso que se sente sozinho, seja doando objetos que já não me atendem, como roupas ou brinquedos, mas que podem ser o conforto ou a alegria de alguém, e muitas outras pequenas ações.

Se eu pratico solidariedade? Creio que sim, mas acho que nem tanto quanto gostaria. Não há limites para se fazer o bem, para se agir com o coração, para se defender uma causa justa, para se fazer sempre melhor em prol do seu semelhante, do seu país, do nosso mundo!

Lívia Brockelmann Montenegro

Anglo São João

Professor : Gustavo Henrique Furniel

Diretora: Jacqueline Paranhos Cardella



1º Lugar

O Bem Vence o Mal?

O que é solidariedade? Eu pratico? Essas são perguntas que nos dias de hoje a sociedade precisa formular-se e refletir. Ser solidário é ajudar a quem necessita sem esperar algo em troca, um sentimento de ajuda pelo sofrimento dos outros.

A maior parte da população hoje em dia não pratica a solidariedade, pois na cabeça de muitos, nada é de graça. Os que a praticam, verdadeiramente, são aqueles que querem o bem das pessoas, que se põem no lugar delas, que têm bondade no coração, e no final de tudo ficam felizes por ter ajudado, mesmo que seja um simples ato de ajuda. Existem vários movimentos solidários no mundo, como as campanhas do agasalho, grupos de jovens que vão aos hospitais para dar alegria e esperança às crianças com algum tipo de problema, entre muitos outros atos praticados pela pura vontade de ser solidário.

Eu pratico a solidariedade sim! Pode não ser muita coisa, mas estou sempre praticando! Ela começa de dentro de casa, pois estou sempre ajudando minha mãe na limpeza, mas não por dinheiro em troca, simplesmente porque quero ajudá-la. A solidariedade existe também na escola, onde eu estou sempre explicando as matérias aos meus colegas que não entendem. Também sou solidário com meus amigos, aconselhando-os em seus momentos difíceis. Sem contar que estou sempre doando roupas e brinquedos aos necessitados.

O bem sempre é mais gratificante que o mal, seja solidário, pratique boas ações, e no final de tudo, sinta-se feliz!



2º Lugar

João Pedro Ferrari

E. E. Dr. Teófilo de Andrade

Professora: Juliana Ferreira da Cunha Perinoto

Diretora: Maria Cristina Marcondes Carvalho

O Mundo Precisa de Solidariedade

Muitas pessoas acham que solidariedade é apenas ajudar pessoas pobres e necessitadas, sim é isso, mas o mais importante é o amor e o carinho que são transmitidos ao nosso próximo. É uma sensação de dever cumprido.

Nesse mundo, infelizmente, muitos precisam de ajuda. Quando vejo uma pessoa passando por problemas financeiros, fico com muito dó, mas, muitas vezes, não posso ajudar.

Procuro não julgar as pessoas pela aparência, pois todos são iguais perante Deus. Penso em ajudá-las, pois minha família já passou por muitos problemas financeiros.

Às vezes, não dou valor ao que tenho, enquanto muitas pessoas não têm o que comer. Minha mãe sempre fala de sua infância pobre e hoje damos graças a Deus por termos roupas para vestir e comida para comer.

Quando uma pessoa passava pedindo água ou comida na porta da minha casa, meu pai sempre falava para minha mãe fazer uma marmita e ele só teve a ganhar com isso. Se hoje eu ajudo as pessoas, é porque tive em quem me espelhar.

Acho hipocrisia as pessoas que julgam os outros pela aparência, pois não sabemos o dia de amanhã.

Participo de um grupo que chama “Caravana de Solidariedade”, onde fazemos de tudo para ajudar com cestas básicas, sacolas de legumes, apresentações de dança, teatro, etc.

E, um dia, quando entregamos uma cesta básica para um senhor, o que mais me chamou a atenção foi a alegria em que ele ficou. É isso que me faz ter prazer em ajudar as pessoas.

E eu posso dizer com orgulho: sim, eu pratico solidariedade.

Quézia Maiara Almeida Cipriano Mendonça

E. E. Prof^a Anésia Martins Mattos

Professora: Hebe Maria da Costa Ruffato

Diretora: Neiza Aparecida da Silva



3º Lugar

Solidariedade: Eu Pratico?

Refletindo e fazendo uma autoanálise sobre essa palavra tão simples, e ao mesmo tempo tão distante de algumas pessoas, passo certificar-me que exerço sim e apoio esse ato tão nobre que é caminhar “ombro a ombro” demonstrando amor ao próximo, abrindo um sorriso, dando um abraço, oferecendo um ombro amigo. Colocando-me no lugar dos outros, mostrando para quem precisa de ajuda que eles não estão sozinhos, que há pessoas que se importam e estão dispostas a fazer o bem, como eu.

Ser solidário não é só doar dinheiro, é doar um bem mais valioso, o amor, o carinho, a fraternidade, a gentileza... Ajudar ao próximo é se importar, mesmo sabendo que não vai ganhar nada em troca, a não ser a felicidade e a gratidão no olhar de quem recebe.

Não ajudo os outros somente para praticar boas ações, mas também sinto-me bem, sabendo que contribuí para fazer alguém feliz.

Não devemos ser solidários por obrigação, mas sim por vontade própria. Tudo que fazemos de bom, sempre voltará de alguma forma positiva, pois quem pratica o bem recebe o bem.



4º Lugar

Ana Alice Ferreira Lima

Colégio Santo Expedito

Professora: Roberta Aparecida Silveira Vailate

Diretora: Leni Campos de Lima

Cidadania na Era das Redes Sociais

9º ano do Ensino Fundamental



1º lugar
Victorya Almeida Abreu



2º lugar
Fernanda Mascarin Passoni



3º lugar
Luisa de Souza Ciacco



4º lugar
Larissa Victória Tabarin da Fonte

Cidadania na Era das Redes Sociais

Facebook, Twitter, Instagram, Snapchat, YouTube, são algumas formas de redes sociais muito conhecidas principalmente entre os jovens, que influenciam na conduta “certa” ou “errada” da construção do caráter e dos valores éticos dos cidadãos.

A cidadania é aperfeiçoada gradativamente, observada e construída ao longo dos anos em convívio social e tem como referência a base familiar. É como se fosse uma joia preciosa no início, enquanto ainda está bruta, é desmerecida por alguns, mas ao ser lapidada transforma-se em um tesouro único e inestimável que admiramos e honramos.

Muitas vezes, pessoas que não possuem assistência familiar concreta, isto é, sentem-se sozinhas de alguma forma, procuram nas redes sociais tornarem-se especiais, mesmo que seja algo superficial, para poder integrar e complementar a autoestima que foi abalada.

Um dos prováveis problemas atualmente na era das redes sociais é a falta de cidadania, da prática de ser cidadão, pois infelizmente ainda existem muitos indivíduos que possuem um preconceito das coisas, um sentimento desnecessário, de ódio contra pessoas que possuem ou preferem uma cultura diferente, uma cor, um estilo ou um gosto eclético, porque acreditam ou são influenciados que existe somente uma maneira “certa” de viver a vida e que outras situações são “erradas” perante eles e a sociedade.

Mas não podemos generalizar todos os indivíduos, pois existem sim, pessoas que cumprem o fato de serem cidadãos e exercem com o maior respeito e naturalidade a cidadania, a solidariedade,

a igualdade, que leem ou ouvem opiniões divergentes a deles e respeitam.

Essas pessoas, que tenho alegria em dizer que são cidadãos, curtem, comentam e compartilham atitudes e experiências boas que contribuem para a vida em sociedade, são totalmente contra qualquer tipo de discriminação, tanto o racismo ou a homofobia na web e não criticam o modo de agir e pensar dos outros.

Todos nós queremos e gostamos de cidadania, de respeito, de integridade no meio social e as redes sociais fazem parte desse conceito, por isso devemos refletir sobre nossas atitudes e opiniões, pois a mídia social amplia a escolha de compartilhar e persuadir a conduta com referências e ações boas ou desfavoráveis perante grupos de pessoas, construindo e concretizando uma identidade.

Victorya Almeida Abreu

E. E. Prof. José Nogueira de Barros

Professora: Fabiana Modena Luz Moreira

Diretor: Roberto A. Assalin



1º Lugar

Redes Sociais Favorecem a Cidadania

A cidadania é um assunto muito discutido desde a época da Grécia Antiga, quando os membros do governo discutiam sobre política, até hoje, quando votamos para eleger o presidente ou os governadores. Para Aristóteles, a cidadania era uma condição para a participação política. O cidadão tinha que preencher determinados requisitos, como a necessidade de o governante saber também ser governado. Atualmente, com as redes sociais, essa discussão foi democratizada, englobando toda a população, desde uma pessoa sem ética até um membro do governo. Ser cidadão é ter direitos e deveres, é ter liberdade de expressão.

As redes sociais favorecem a cidadania, pois nelas as pessoas podem se expressar da maneira como quiserem e discutirem sobre temas mais áridos, como o aborto e o casamento aos dezesseis anos sem a autorização dos responsáveis. A cada dia mais, vemos pessoas se mobilizando através da Internet por diversos temas: alguns, pelos direitos humanos ainda não concebidos; outros, defendendo a legalização de drogas, entre outras mobilizações. Essas ações têm se transformado em diversas greves que apoiam as mesmas causas, conseguindo a aprovação do tema defendido. Isso tudo faz parte de uma cidadania.

A Internet tem relevante importância nas relações sociais, já que conecta bilhões de pessoas ao redor de todo o mundo e influencia cada vez mais nos processos econômicos, políticos e culturais de um país, com maior participação do governo a cada dia. Nela, os jovens encontraram um espaço para expressarem suas ideias e fazerem debates. Os políticos a utilizam como meio de campanha nas eleições, aproximando-se de seus eleitores.

Portanto, podemos concluir que as redes sociais têm um papel fundamental na cidadania atual. Influenciam em discussões e debates entre jovens e até mesmo em mandatos políticos nas eleições. Elas fazem parte da nova cidadania democratizada, na qual o cidadão tem direitos e deveres, os quais deve cumprir para fazer parte dela.

Fernanda Mascarin Passoni

Anglo São João

Professor: Gustavo Henrique Furniel

Diretor: Fernando Nagib



2º Lugar

Cidadania Virtual é Possível?

Como falar de cidadania nas redes sociais sem antes entender o que realmente é ser cidadão? Ser cidadão não é apenas obedecer às leis de determinado lugar ou seguir um aviso que proíbe determinada ação. A cidadania é ser educado, ético, ter valores e, principalmente, solidariedade com o próximo.

Passando esses princípios para a era das redes sociais, encontramos um mundo totalmente devastado. Hoje em dia, qualquer um pode ter acesso a computadores ou celulares e, conseqüentemente, às redes sociais. A internet é algo amplo, com um alcance mundial, entretanto muitos preferem utilizar esse recurso como algo prejudicial às outras pessoas.

Em todo momento, encontram-se matérias em jornais e revistas sobre crianças e adolescentes que foram abusadas virtualmente, fotos íntimas que “vazaram” na rede e tantos outros males em função dessas redes sociais. Por que não reverter essa situação? Um bom exemplo de atitude ética e solidária é utilizar a internet para mudar o modo de vida das cidades, organizar manifestações pacíficas e alertar os governantes sobre irregularidades nos municípios.

Mudando as atitudes e praticando a verdadeira cidadania nas redes sociais, o mundo real e virtual se tornaria harmonioso, com pessoas que realmente fazem o bem e entendem o que é ser cidadão na era das redes sociais.



3º Lugar

Luisa de Souza Ciacco

Colégio Externato Fundamental

Professora: Rosângela Dominicheli

Diretora: Ana Aparecida Aguiar de Andrade

Cidadania na Era das Redes Sociais

A cidadania é algo que está constantemente presente em nossas vidas, ela é necessária para que tenhamos uma boa convivência e as redes sociais têm ajudado cada vez mais no reconhecimento de nossos direitos e deveres como cidadãos.

As plataformas sociais são um grande meio de comunicação, basta apenas um click para que você saiba o que está acontecendo, desde a última tendência da moda até manifestações na Avenida Paulista.

Um bom exemplo de cidadania nas redes sociais é a luta pelos direitos da mulher, é normal encontrarmos publicações referentes à defesa do feminismo.

Mas, infelizmente há pessoas que não sabem que a cidadania vai muito além de direitos e deveres, ela engloba solidariedade e respeito ao próximo e essas pessoas não aceitam as opiniões e conceitos das outras.

Quando várias pessoas se unem através desse grande meio de comunicação para uma boa causa, como uma denúncia sobre maus tratos de animais ou para fazer uma doação para alguém necessitado, faz-se presente a prática da cidadania.

Cidadania nas redes sociais é respeito, solidariedade, direitos, deveres e amor ao próximo e é importante que a sociedade se organize de forma democrática e exerça seu papel de cidadão nas ruas ou nas redes sociais.

Larissa Victória Tabarin da Fonte

E. E. Prof. Francisco Dias Paschoal

Professora: Luciana Moraes Gonçalves de Barros

Diretora: Daniela Picinato Dota de Moraes



4º Lugar

A Banalização do Mal

1º ano do Ensino Médio



1º lugar
Luis Guilherme Fenício Germano



2º lugar
Beatriz Dias Molina



3º lugar
Stephany de Oliveira Romera



4º lugar
Luana Rodrigues Gomes

Inclusão Social x Banalização do Mal

Todas as civilizações têm suas convicções sobre o bem e o mal. Todo cidadão civilizado procura cumprir as normas e leis que regem a sociedade na qual está inserido. Desta forma, dentro das regras aceitáveis caminha grande parte da humanidade. Todas as nações têm sua constituição, seja na forma escrita ou pelos seus valores culturais. Estamos falando da vida em sociedade, onde direitos e deveres são respeitados, desde a escolha dos legisladores até o pleno cumprimento das mais simples regras.

Mas essa realidade, dos valores instituídos, vale realmente para todos? Aqui a resposta é não. Em nossa sociedade existem milhões de excluídos da vida social, da sociedade de consumo, do acesso à educação, ao emprego, à moradia, ao saneamento básico, enfim, aos direitos sagrados de nossa cidadã constituição, faltando-lhes a dignidade. Boa parte dos excluídos lutam com forças próprias e com um mínimo de recursos conseguem considerável melhoria na qualidade de vida.

Porém, o que mais assombra a nossa sociedade é a extrema e banal violência que presenciamos no dia-a-dia. Horrores são praticados todos os dias à luz do sol, muitas vezes em troca de nada, senão por migalhas em dinheiro a ser trocado por uma pedra de crack. A inclusão no crime é aceita facilmente pelas mãos de violentos criminosos e traficantes.

É difícil dizer se é a banalidade do mal ou a banalidade da nossa própria existência. O fato é que se não atentarmos pela digna inclusão social, trazendo de volta valores éticos, morais e de plena cidadania, os índices de violência só aumentarão. Afinal, por que os excluídos cumpririam normas, regras e leis de uma sociedade da qual nem fazem parte?

Aqui cabe uma profunda reflexão: Não se pode exigir o cumprimento de leis de quem não tem o mínimo de dignidade para cumpri-las e muito menos a consciência do bem e do mal, por isso a banalização do mal só aumenta.

O que vemos até o presente momento é que a classe política, representante de nossa indiferente população, não se tem esforçado para diminuir a banalização do mal, agindo inclusive de forma inconsequente e até mesmo conivente para o aumento da violência, da qual continuamos reféns.

Luis Guilherme Fenício Germano

Colégio Externato Ensino Médio

Professora: Giane de Sordi

Diretora: Ana Claudia V. Brás



1º Lugar

Os Limites da Compaixão

Menino sírio é encontrado morto na praia. Guerra na Síria causa mais de 470 mil mortes. Pessoas morrem de fome na África. Atentado em Paris deixa 129 mortos. Mas essas coisas não importam, afinal, não é com a gente.

Notícias são publicadas em sites, jornais e até mesmo redes sociais a todo tempo, talvez, com a intenção de nos conscientizar sobre os acontecimentos catastróficos do mundo à nossa volta.

Mas será que essa conscientização realmente acontece? Diante de fotos de crianças mortas, cidades bombardeadas, a fome matando em todo o mundo, o máximo que muitas pessoas fazem é repostar a imagem em redes sociais. Isso não faz ninguém mais humano.

O termo banalização do mal é visto em muitos momentos da história. O exemplo de Hannah Arendt pode esclarecer isso, como no livro em que dita suas observações sobre o caso de um nazista acusado de genocídio e crimes contra a humanidade. Ela não o coloca como inocente, mas transmite a ideia de que talvez ele não fosse tão cruel e sim um cumpridor de ordens. Mesmo assim ele fez coisas ruins.

Quem é comandado tem tanta culpa quanto quem comanda. Pessoas mortas por soldados a sangue-frio e a pergunta é: será que eles não sentiram nada? Eram vidas que estavam sendo tiradas, pessoas inocentes, crianças com caminhos a trilhar. Histórias terminadas em uma frase sem ponto final. Homens capazes de matar seus iguais sem dor, sem culpa, sem remorso. Pode ter havido casos de quem fez por medo, poderiam ter sido mortos se desobedecessem, mas ainda assim. E há outros muitos que fize-

ram por prazer, por acreditar ser certo a morte de inocentes. Há quem acredite que matar é banal.

O termo foi criado e se tornou polêmica, mas não se pode negar que a banalização do mal é real. Não é de agora que se ignora a morte de milhares de pessoas e o porquê disso não se sabe ao certo. Falta de amor ao próximo, medo, talvez até porque seja uma realidade tão distante. Mesmo que a imagem choque no momento, tantas coisas acontecem ao mesmo tempo, tantas imagens, tantas histórias que logo aquele se tornará somente mais um ocorrido e a sensação de compaixão passará. Porque o mundo está acontecendo, a vida está correndo rápido, o tempo todo.

Beatriz Dias Molina

Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologia de São Paulo

Professora: Alice Perruchetti Orrú

Diretor: Eduardo Marmo Moreira



2º Lugar

O Vácuo do Pensamento e a Trivialização do Mal

Frequentemente deparamos com milhares de notícias hediondas e cruéis a respeito de roubos, sequestros e até mesmo assassinatos. Comentamos, com ar distraído, sobre como estamos todos “anestesiados” pela violência e sobre como perdemos a capacidade de nos chocar e nos surpreender por ela. Das atrocidades cometidas durante a ditadura militar por grupos de repressão, até as crueldades praticadas atualmente por bandidos, policiais despreparados e milícias diversas, passando pela aspereza do trânsito e pela perene brutalidade generalizada, convivemos rotineiramente com a violência como se ela fosse insignificante. A Banalização do Mal... Crimes e atrocidades se tornam tão comuns e corriqueiros que acabam tornando-se banais, sem que haja preocupação e sensibilização com a situação decadente da sociedade em relação aos índices de violência e convivência.

A expressão “banalidade do mal” já foi criada pela filósofa alemã Hannah Arendt em seu livro a respeito do julgamento do nazista Adolf Eichmann. Ela afirma que a banalidade do mal se instala no vácuo do pensamento, trivializando a violência. Além disso, acredita-se que não são somente os índices de violência que são afetados pela banalização do mal, mas também a cultura, a educação, a saúde e o bem-estar social. Essas circunstâncias preocupam muitos pensadores e estudiosos sobre que medidas e soluções devem ser tomadas.

É preciso mudar a consciência e visão das pessoas sobre o mal, de modo que possam refletir e sensibilizar-se ao deparar com uma “simples” situação de desrespeito, até uma atrocidade gravíssima notificada pelos meios de comunicação. O objetivo não é que as pessoas passem a surpreender-se, chocar-se e lamentar-

se com a morte de desconhecidos, mas sim fomentar o sentimento de comoção e solidariedade, para que de alguma forma possam contribuir para uma melhora significativa para a sociedade em geral.

Assim, a natureza da atividade de pensar, o hábito de examinar, refletir sobre qualquer acontecimento, pode condicionar as pessoas a não fazerem o mal e até mesmo evitá-lo, criando soluções criativas e produtivas. Contribuindo, assim, para uma sociedade onde a convivência é pacífica, harmoniosa e única. “Estará entre os atributos da atividade do pensar, em sua natureza intrínseca, a possibilidade de evitar que se faça o mal?” (Hannah Arendt).

Stephany de Oliveira Romera

Colégio Experimental Integrado

Professora: Juliana Aparecida Evangelista da Silva

Diretora: Ângela Maria Vitorino



3º Lugar

Sociedade... Mais uma Página a se Virar

Vivemos em uma sociedade em que a banalização do mal é tratada como uma diversão ou indiferença. As pessoas estão preocupadas em ter “status”, isso as tornam medíocres, egoístas e eximem-se dos seus atos banais.

Percebemos isto ao longo dos séculos, em que os vencedores, muitas vezes, ganhavam suas guerras através da opressão, desrespeitando a cultura dos vencidos, fazendo-os como moeda de troca para sua glória, poder e honra, tornando comuns suas ações ao olhar da nova geração que os estuda através da história.

Estes pensamentos e atitudes criaram, no decorrer do tempo, um ciclo vicioso onde a classe dominante enxerga somente o que ela quer, não tendo o interesse de produzir, ensinar as pessoas a valorizarem e respeitarem uns aos outros.

Os governantes veem a Terra como mercadoria onde trocam-se armas, poder, dinheiro, sexo por valores de justiça, união, integridade, honestidade e ética. Entretanto, para reverter esse processo, é necessário maquinar para se mudar o pensamento e as atitudes dos cidadãos.

A sociedade exige que você siga os seus padrões, mas se você quebrar esse elo é rejeitado. A humanidade não respeita a autonomia, os sentimentos, as diferenças do ser humano e também a natureza e isso faz com que vivamos em um mundo injusto e intolerante.

Vivenciamos a banalização do mal, bem perto de nós, da forma física, intelectual e verbal, como o bullying, a violência doméstica, o racismo, a homofobia, as desigualdades sociais e o preconceito. No entanto, vemos a ampliação dos direitos dessa minoria,

através da Lei Maria da Penha, contra o racismo, a favor da união civil entre pessoas do mesmo sexo. A acredito que devemos prosseguir desta maneira educando e conscientizando a todos através das escolas, redes sociais, concursos e outros fornecedores de opinião. Os pais também devem fazer parte, formando o caráter e ensinando os valores a seus filhos. Não só priorizando a preparação para o mundo do trabalho, mas devem educá-los para que encontrem soluções para os conflitos que viverão no seu cotidiano, rejeitando a vingança, a intolerância e a retaliação porque a base dessa convivência é o amor, a união, fraternidade e principalmente o respeito.

Luana Rodrigues Gomes

E. E. Profª Isaura Teixeira Vasconcellos

Professora: Isa Bernadete Gonçalves Valezi

Diretora: Fernanda Aguiar Cardozo



4º Lugar

Somos uma sociedade ambientalmente responsável?

2º ano do Ensino Médio



1º lugar
Júlia Porfirio Dalava Vanzela



2º lugar
Maria Beatriz Yasbek David Ramires



3º lugar
Isabela Martins de Paula



4º lugar
Ana Julia de Araújo

A Máquina da Ignorância

Progresso. A alavanca da máquina financeira. Alimentado pela ambição de transnacionais de obtenção de lucros. Nossa sociedade se fixou tão intrincadamente nessa noção que questões ditas paralelas, para muitas dispensáveis, são atiradas para a periferia da ignorância. O que são árvores perto de carros? Para que florestas se temos arranha-céus? E rios, que nem sequer passam pelo meu quintal, que importância haveria neles?

É nítido a crença social de que o mundo orbita em torno do ser humano. E da mídia, geram-se dogmas: o homem é soberano, e o planeta curva-se aos seus pés, cumpre seus desejos, existe para seu conforto. E é infinito. Ou assim pensa a mente ignorante. Nas mãos dela, a Terra disseca-se: o consumo mina o solo, a indústria ceifa as matas, o lixo intoxica os lençóis freáticos. E, mesmo assim, para essa mente, a máquina progresso ainda recebe combustível, e envenena o ar, e sufoca-nos com as infundáveis propagandas da felicidade ideal, aquela que não existe sem um celular, sem um carro, sem a sentença de morte do planeta.

A humanidade, pelos últimos séculos, foi (não entendi a palavra) em um berço industrial. Acostumou-se à facilidade, foi obediente ao mentor dinheiro e, tal qual criança, recusou-se a enxergar seus defeitos, pensando inconsequentemente e fazendo do mundo um brinquedo. Agora, em plena juventude alienada e materialista, começa a colher o que plantou, vendo as estruturas de sua própria casa ruírem. A virtude que lhe atribui criatividade é a mesma que a classifica irresponsável; é uma geração que sabe empregar sua inteligência em artimanhas, mas ainda não

sabe como sanar seus erros. O que se anseia é que ao menos essa jovem reconheça seus deslizes, para que, ao se desenvolver, não se torne uma adulta egocêntrica e narcisista.

Ser sustentável já não deveria ser uma opção, e sim um dever. Infelizmente, a sociedade ainda é muito imatura para ter consciência disso, o que revela amplamente sua falha ideológica. Por essa razão, é indiscutível que se deva disseminar a importância do meio ambiente. Sem ele, não só o ser humano, como também toda a matriz da vida serão comprometidos e sentenciados ao seu fim.

Júlia Porfirio Dalava Vanzela

Anglo São João

Professor: Paulo Antonio Campos Iannini

Diretora: Adélia Jorge Adib Nagib



1º Lugar

Meio Ambiente – uma Questão de Consciência?

A sociedade atual é dividida em duas vertentes. Uma delas é ambientalmente responsável e a outra não. A responsabilidade ambiental é basicamente um conjunto de atitudes individuais, empresariais e políticas voltado para o desenvolvimento sustentável do planeta. Mas como são praticadas essas ações?

Muitas pessoas, mesmo com tamanha divulgação, desprezam pequenas ações, como por exemplo: a simples coleta seletiva, separando o material reciclável do lixo orgânico, a destinação do lixo eletrônico (pilhas, cabos, entre outros) de maneira adequada, o uso racional da água, utilizando baldes ao invés de mangueiras para lavar calçadas, áreas e carros, redução do uso de sacolas plásticas, substituindo-as por sacolas retornáveis, dentre outras. Outras, entretanto, fazem sua parte, desprendendo-se de meios de transporte individuais e usando os coletivos ou até mesmo bicicletas, comprando eletrodomésticos com baixo consumo de energia e produtos com embalagens biodegradáveis e economizando eletricidades nas tarefas domésticas.

Já as empresas sustentáveis criam e implantam sistemas de gestão ambiental, reutilizam a água dentro do processo produtivo, dão prioridade para o uso de energias renováveis e de transportes não poluentes. Porém, algumas ainda não utilizam filtros com equipamentos e até mesmo descartam resíduos em rios, mares e lagos.

Esses atos deixam evidente que a sociedade é parcialmente responsável para com o meio ambiente. Algumas ações já são praticadas por muitos, outras nem tanto.

Com isso, pode-se dizer que, mesmo com a conscientização de parte da população, ainda são necessárias algumas medidas como a educação de cada um; desenvolvimento de novas tecnologias que aperfeiçoem máquinas e técnicas de produção e a adoção de políticas públicas consistentes que possam garantir a estruturação e concretização de uma sociedade ambientalmente responsável. Só assim haverá um meio ambiente com responsabilidade social.

Maria Beatriz Yasbek David Ramires

Colégio Externato Ensino Médio

Professora: Eunice Belo Anacleto

Diretora: Ana Claudia V. Brás



2º Lugar

Sustentabilidade – um Dever de Todos

Entre os direitos e deveres de um cidadão estão, além dos direitos básicos como liberdade e dignidade, o direito à sustentabilidade e ao meio ambiente ecologicamente equilibrado. Porém, não estamos lidando com seriedade e responsabilidade diante de tal questão.

De acordo com um estudo, denominado Dossiê do Universo Jovem, publicado em 2008, os jovens, de maneira geral, se auto avaliam com um bom nível de informação sobre a necessidade de preservação do meio ambiente. No entanto, este estudo mostra que há muito a ser aprendido e, principalmente, a ser feito. E apesar de os jovens se auto avaliarem positivamente, a realidade nos mostra o oposto.

Somado a isso, a escola e a família têm um papel fundamental, seja através de pequenas ações, como evitar jogar lixo em vias públicas, quanto grandes feitos, como boicotar o uso de madeiras sem certificação ambiental.

Mas existem algumas perguntas essenciais que devemos fazer a nós mesmos: primeiramente “Por que preservar? ”; “Por que ser ambientalmente sustentável? ”.

As respostas para estas e outras tantas perguntas dependem de um olhar voltado à situação atual do nosso planeta.

Geleiras derretendo, eventos climáticos devastadores cada vez mais recorrentes, aumento do nível do mar e buracos na camada de ozônio são apenas alguns fenômenos observados que têm ligação direta com o meio ambiente e que poderiam ser evitados se o cuidado e a preservação fossem prioridade na vida de cada ser humano.

Vale ressaltar que a educação ambiental não está atingindo o âmbito escolar, pois deparamos com crianças e jovens saindo do ensino básico sem ter ao menos contato com um tema tão importante e necessário, pois além da conscientização, o sentimento de pertencimento à sociedade será fundamental para percebermos que, do mesmo modo que vieram pessoas antes de nós, virão outras que pisarão por onde um dia passamos.

Sendo assim, uma mudança se faz necessária, seja ela através de incentivos à educação ambiental, um maior rigor na aplicação das leis, que hoje não são efetivas, ou ainda, o envolvimento da comunidade.

Propostas de solução e conscientização não faltam. Portanto, portanto, devemos abrir mão do conformismo, abrir nossos olhos e enxergar que nosso planeta que, tão gentilmente nos abriga, clama por socorro e temos o dever moral de socorrê-lo.

Isabela Martins de Paula

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Professora: Silvia Regina Martarello

Diretor: Eduardo Marmo Moreira



3º Lugar

Semeando a Educação Ambiental

Hoje é muito comum se conectar às redes sociais e ver milhares de propagandas sobre o meio ambiente e, muitas vezes, é como uma ironia e ridicularização ao povo brasileiro. Assistimos, entendemos e, logo após, descartamos um lixo e jogamos na rua, por ser um lugar de acesso mais “fácil”. Ao passarmos em um terreno baldio, vemos logo um outdoor com a seguinte frase “valorize o meio ambiente, pois é a sua vida”, porém para que ele fosse colocado ali foi preciso que eles tirassem árvores daquele local.

É muito gratificante publicar e ler notícias exemplares sobre o meio ambiente e, em seguida, não cumprir com o próprio exemplo. Será que damos valor ao nosso ambiente? Ao nosso país tropical?

O meio ambiente não precisa de nós, somos nós que precisamos dele. E, muitas vezes, não enxergamos isto e acabamos não dando valor.

Nós, enquanto seres humanos, devemos nos preocupar com a prevenção dos recursos naturais, ou então acontecerão sérias consequências ao ecossistema, na ecologia e para futuras gerações.

Em suma, é preciso que sejamos cidadãos conscientes do presente e do futuro, sabendo preservar o meio ambiente com pequenos gestos, formar pequenos exemplos em grandes projetos e realizarmos com impacto positivo para a sociedade. Semeando a educação ambiental com o próximo e colher o fruto de um resultado e nunca se esquecendo da próxima semente.



4º Lugar

Ana Julia de Araújo

E. E. Domingos Theodoro de Oliveira Azevedo

Professora: Nilva Amália Simionato Valente

Diretor: José Flávio Dionysio

Crise Ética e Moral nos Governos: Podemos Mudar Isto?

3º ano do Ensino Médio



1º lugar
Camila Ribeiro Turatti



2º lugar
Francielle Nascimento dos Santos



3º lugar
Luigi Bruscato Polizio



4º lugar
Vitor Barim Pacela

Mais que Financeiro, o Problema é Moral

Muito se ouve falar a respeito da crise, de uns anos para cá, no Brasil. A população parece, finalmente, estar mais atenta e crítica no que diz respeito à política. Entretanto, muitas dúvidas ainda circundam a sociedade e precisam de um esclarecimento.

Tratando-se de capital, pode-se afirmar que são tempos difíceis para todos. É fácil perceber o aumento considerável no preço das mercadorias, o acentuado nível de desemprego e a redução expressiva de gastos com viagens, presentes e afins, principalmente em férias e datas comemorativas. Logo, considera-se que o país esteja mergulhado em uma profunda crise econômica.

Mas, com um PIB elevado e dados históricos e geográficos que apontam o Brasil como um dos maiores potenciais agropecuários, fundiários e minerais do mundo, não é estranho pensar que os problemas sejam, tão somente, econômicos?

A verdade, nem sempre tão percebida, mostra que a crise é, antes de mais nada, moral. Sim, a conduta social influi, iminentemente, nos valores financeiros.

O atravanco está na famigerada “cultura das transgressões”, termo que exprime princípios e atos infringentes à ética e sem respeito com o próximo, visto que, delata os interesses particulares acima dos interesses coletivos e, o que é pior, acima das leis.

Se a lei existe é para ser cumprida; não por medo, como geralmente acontece, mas, sim, por respeito. E isso vale para todos, desde o cidadão da camada mais inferior, até aquele que ocupa cargos elevados dentro do governo.

Com a maior facilidade de acesso aos meios de comunicação e às decorrentes notícias sobre o cenário político atual, é inadmissível que o povo se cale diante de tantos esquemas e transações que visam apenas o lucro para os envolvidos em vez de aplicar no que, de fato, é preciso; saúde, e educação públicas que atendam às necessidades de todas as classes sociais; infraestrutura e condições mínimas de moradia e saneamento básico. Sem falar na má administração da produção das terras cujos proprietários exportam milhões de toneladas de alimentos, enquanto muita gente passa fome aqui dentro.

Apesar disso, não podemos nos esquecer que, embora a corrupção seja gritante e muito mais notória em grande esfera, ela também se faz bastante presente nas pequenas atitudes diárias, no trânsito, na fila do banco, no ambiente de trabalho, na instituição de ensino, etc; e tentar mudar isso aqui embaixo, dentro do nosso alcance, é o primeiro passo para progredir e, possivelmente, garante o almejado sucesso da sociedade, afinal, seria extrema hipocrisia cobrar retidão dos políticos se nós mesmo burlamos as regras.



1º Lugar

Camila Ribeiro Turatti

Colégio Objetivo

Professora: Alexandra Westin de Almeida Carbonara

Diretor: José Custódio Gomes Monteiro

Educação – a Esperança de uma Política Melhor

Nos últimos tempos, a política de nosso país tem deixado muito a desejar. Corrupção, suborno, crise ética e moral. Sem falarmos da delicada situação financeira em que o país está passando, gerada pela má administração. Dúvidas pairam na mente dos brasileiros: “Por que eles não cumprem o que prometem?”, “Por que tanta corrupção?”, “É tão difícil ser correto?”, “Será que um dia teremos políticos honestos e dispostos a trabalhar e lutar pelo povo?”.

Todos nós que acompanhamos essa crise atual, ficamos perplexos a respeito de como transformar essa situação. Não podemos nos infiltrar na mente dos políticos que se renderam à corrupção, mas devemos mudar o modo de pensar da nossa nação.

Assim como em diferentes aspectos da sociedade, não seria diferente nesse meio. Há somente um caminho: a educação.

Precisamos ensinar nas escolas o significado das palavras democracia, cidadania, ética e moral. Temos que debater mais sobre política, formar uma base ideológica para que ao saírem da escola os alunos não sejam alienados e submissos ao que acontece. Devemos ensinar que para ser político é necessária vocação, honestidade, caráter e lutar pelo bem comum da sociedade e não somente de um determinado grupo.

Somente através da educação podemos ultrapassar as barreiras da política, pois é nela em que devemos nos espelhar. A educação é a esperança de uma política melhor, porque somente através dela somos capazes de atingir a transformação necessária para o sucesso de nosso país – o Brasil.

Francielle Nascimento dos Santos

E. E. Prof^a Anésia Martins Mattos

Professora: Sônia Regina Cordeiro

Diretora: Neiza Aparecida da Silva



2º Lugar

Luta Necessária pela Liberdade

O brasileiro, (não entendi a palavra), vê-se envolvido em inúmeras crises que levam o país a uma forte instabilidade política, econômica e social. No entanto, a pior e principal situação de crise encontra-se velada e pouco discutida, além de ser mascarada por estratégias que compõem o “jeitinho brasileiro”. A crise ética e moral não está presente somente nos governos, mas também em grande parte da população.

O filósofo mexicano Adolfo Sánchez Vázquez definiu os conceitos de Ética e Moral em seu livro “Ética”. Cita a moral como um “sistema de normas, princípios e valores, segundo o qual são regulamentadas as relações mútuas entre os indivíduos”. Já a ética, para Vázquez, “é a teórica e reflexiva enquanto a moral é eminentemente prática”. Ela investiga e explica as normas morais, levando o homem a agir por suas próprias convicções. A crise ética e moral pela qual passamos consiste no corrompimento dessa moral, pela ética dos governantes.

A população pouco está apta para julgar seus governantes. A prática corriqueira de diversas corrupções morais, mesmo que em nível menor as cometidas dentro dos governos, eleva o povo brasileiro ao mesmo patamar ético que seus políticos. Deve-se então, dar início a uma séria mudança comportamental, iniciada dentro das escolas, casas e trabalho de cada um. O potencial da mudança se encontra em todos, partindo de pequenas lutas diárias para só depois mudar o governo e seus integrantes.

Para que essa crise nos governos veja seu fim, é necessário compor novos conjuntos de normas e costumes, ou

seja, é necessária uma “reeducação” do brasileiro. Um ensino melhorado, junto ao livre acesso de informações permitem uma maior conscientização política.

Isso, por sua vez, leva a uma reforma político-social, beneficiando assim a todos. O voto consciente também tem papel de suma importância nessa reforma e por isso deve ser praticado incondicionalmente. Os valores do homem livre – tal como a ética e a moral – são bens preciosos que irão se perder caso não sejam defendidos, e a liberdade é e sempre foi uma luta necessária.

Luigi Bruscato Polizio

Colégio COC – São João

Professora: Priscila Galdino dos Santos

Diretor: Eliane Ap. M. B. Campos



3º Lugar

Moralidade Ignorante

“E quando decidem acender as luzes, são encontrados ratos em grandes quantidades corroendo a sustentação da nação”. O trecho adaptado do filósofo Mário Sérgio Cortella torna claro que a ruína de um país é acarretada pela falta de ética de um governo e de seus integrantes.

Há inúmeros motivos pelos quais os governantes de um país se corrompem. Por exemplo, no Brasil, um forte fator é a tamanha diversidade do país, a qual proporciona opiniões muito controversas. No entanto, a principal razão é que a democracia instaurada tem em torno de 30 anos e os políticos mais velhos do que isso, ainda não se acostumaram a reger o país de acordo com a vontade da maioria.

Juntamente com a falta de formação política de boa parte da população, a corrupção toma forma. A sociedade não conhece seus direitos e não sabe que, se não fosse por sua presença, os governantes não existiriam.

Por isso, movimentos inteligentes de manipulação pública, desvio de dinheiro e de funções acontecem a todo momento e se tornam atos triviais, de forma que o poder nacional fica de fato concentrado nas mãos de poucos, e a democracia se torna oligarquia.

O filósofo Friedrich Nietzsche diria que o medo é o pai da imoralidade, indicando que atos que representam a moral são feitos por medo das consequências de não segui-las. Uma situação moderna e adaptada do filósofo para os governos corrompidos diria que a ignorância alheia é a mãe da imoralidade.

Um caminho que levaria à correção de tais atos seria com a instituição política de todos os componentes da sociedade e o incentivo à formação de opinião própria. Praticar política desde cedo mostraria a todos como um país democrático de fato funcionaria.

Vitor Barim Pacela

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Professora: Silvia Regina Martarello Brás

Diretor: Eduardo Marmo Moreira



4º Lugar

PRESIDENTES DA ACADEMIA DE LETRAS
DOS DIAS ATUAIS ATÉ SUA FUNDAÇÃO EM 1971

Lucelena Maia - duas gestões

Francisco de Assis Carvalho Arten

Maria Célia de Campos Marcondes

Sérgio Ayrton Meirelles de Oliveira

Maria Aparecida P. Mangeon de Oliveira - três gestões

Maria Célia de Campos Marcondes

José Edgard Simon Alonso

Wildes Antonio Bruscato

Octávio Pereira Leite - três gestões

Dom Tomás Vaquero - três gestões

DIRETORIA ATUAL: Biênio 2015/16

Presidente: Lucelena Maia

Vice-presidente: Antônio Carlos Rodrigues Lorette

1ª Secretária: Sílvia Tereza Ferrante Marcos de Lima

2ª Secretária: Carmem Lia Batista Botelho Romano

1º Tesoureiro: Lauro Augusto Bittencourt Borges

2ª Tesoureira: Vânia Gonçalves Noronha

ACADÊMICOS NA ATUALIDADE

Antônio “Nino” Barbin	Lincoln Amaral
Antônio Carlos Rodrigues Lorette	Lucelena Maia
Antônio de Pádua Barros	Luiz Antonio Spada
Beatriz Virgínia C. Castilho Pinto	Luiz Fernando Dezena da Silva
Carmen Lia Batista Botelho Romano	Luiza Nagib Eluf
Carmen Lúcia Balestrin	Marcos César Pavani Parolin
Celina Maria Bastos Varzim	Maria Cândida de Oliveira Costa
Claudemir Aparecido Canela	Maria Cecília Azevedo Malheiro
Clineida Andrade Junqueira Jacomini	Maria Célia de Campos Marcondes
Cyro Gilberto Nogueira Sanseverino	Maria Ignêz dos Santos D’Ávila Ribeiro
Donizete Tavares Moraes Oliveira	Maria José Gargantini Moreira Silva
Francisco de Assis Carvalho Arten	Neusa Maria Soares de Menezes
Gilberto Brandão Marcon	Raul de Oliveira Andrade Filho
João Baptista Scannapieco	Ronaldo Frigini
João Batista Gregório	Sérgio Ayrton Meirelles de Oliveira
João Batista Rozon	Silvia Tereza Ferrante Marcos De Lima
João Otávio Bastos Junqueira	Sonia Maria Silva Quintaneiro
Jorge Gutemberg Splettstoser	Susana de Vasconcellos Dias
José Benedito Almeida David	Vânia Gonçalves Noronha
José Ricardo Bittencourt Noronha	Vedionil do Império
José Rosa Costa	Wildes Antônio Bruscato
Lauro Augusto Bittencourt Borges	Wilges Ariana Bruscato